

**OS INSULTOS PASTORIS E O REFINAMENTO LINGUÍSTICO,
NA TERCEIRA “BUCÓLICA”, DE VIRGÍLIO**

Tobias Vilhena de Moraes (Museu Lasar Segall)
tovilhena@yahoo.com.br

Márcio Luiz Moitinhar Ribeiro (UERJ)
marciomoitinha@hotmail.com

Resumo:

O presente trabalho tem como principal objetivo apresentar algumas reflexões sobre os insultos pastorais e o refinamento linguístico existente, na terceira “Bucólica”, de Virgílio.

Palavras-chave:

Bucólicas. Insultos pastoris. Refinamento linguístico.

Abstract

The present work has as main objective to present some reflections on the theme pastoral insults and linguistic refinement that was used in the Virgílio's “Bucolic III”.

Keywords

Bucolics. Pastoral insults. Linguistic refinement.

1. Introdução

Por toda a história romana, os autores latinos sempre primaram pela inovação linguística e pela busca de recursos estilísticos que dialogassem com seu tempo. Neste intuito, o refinamento linguístico sempre foi uma marca de escritores, que buscavam tratar dos mais variados temas: guerras, amores, viagens...

Com uma certa ironia, a utilização de insultos e de ofensas dos pastores, nos certames poéticos, ganhou contornos com alguns recursos estilísticos, engendrados por Virgílio e atestados por outros poetas do mundo antigo romano. Para tanto, neste artigo, selecionamos a terceira “Bucólica” virgiliana: obra que consideramos fundamental, em qualquer análise, sobre o desenvolvimento da antiguidade clássica.

A terceira consiste em um duelo musical entre dois pastores, julgados pelo vizinho, Palemão. A partir desta competição, os pastores fazem uso de um canto, que hoje em dia, poderia ser comparado ao repente contemporâneo.

Para além de recursos estilísticos da oralidade e de jogos de palavras, os personagens utilizam um vasto manancial linguístico clássico para se ofenderem, numa verdadeira disputa poética. Neste sentido, os autores deste artigo têm como escopo analisar como Virgílio constrói esta terceira “Bucólica”, mesclando a rusticidade dos personagens com o refinamento poético. Buscaremos assim descrever sentimentos e comportamentos sociais, numa das principais obras da literatura latina. Obviamente, teceremos uma parva visão sobre alguns dos aspectos culturais da sociedade e da moralidade antiga.

Reforçamos assim que, ao longo do texto, trataremos apenas de um único e diminuto elemento da vida romana: os insultos pastoris.

2. As “Bucólicas” em seu contexto:

O poeta latino, Virgílio (70–19 a.C.), é, muitas vezes, lembrado por sua obra “Eneida” (29–19 a.C.), poema épico, que conta as origens mitológicas de Roma e que discorre sobre o destino do Império romano, época, na qual a figura pacificadora de Otávio deu o tom para a *pax romana*; no entanto, as “Bucólicas” foram compostas, anteriormente, entre os anos de 42 a.C. e 37 a.C., um período muito mais instável e turbulento, que se iniciara, muitos anos, antes.

Observemos, brevemente, este contexto: entre os anos de 218–201 a.C., a Segunda Guerra Púnica permitiu que os romanos se expandissem por todo o Mediterrâneo, ação que culminou com a destruição de Cartago e Corinto, em 146 a.C. Este fato foi algo relevante, no período, tendo em vista que assinalou, definitivamente, o domínio romano de uma imensa área, em torno do Mediterrâneo. Estas conquistas não foram algo simples. Para conseguir todos estes feitos e garantir a posse dos territórios ocupados, foi necessário consolidar um exército de soldados camponeses. Posteriormente, isso levou à concentração fundiária, à profissionalização do exército e ao estabelecimento de veteranos por todas as terras conquistadas.

Os legionários tornaram-se assim fiéis e a serviço dos generais, como já no caso de Mário, reeleito cônsul contra a tradição, que perdurava, até aquele momento. A eleição de Mário, por sua vez, marcou o início de um período de guerras civis (88–31 a.C.) que duraria, com algumas interrupções, até a vitória de Otávio, em 31 a.C., culminando com a paz de um novo regime monárquico, denominado Principado (31 a.C.–235 d.C.), período no qual recebeu a alcunha de *pax romana*.

Sendo assim, quando Virgílio escreve parte de suas obras, encontram-se turbulências. Durante este período, muitas pessoas deixam o campo, exiladas, e partem rumo às cidades (muito mais protegidas), ou mesmo para outros países (distante dos conflitos).

Para Boyle (1975), a poesia pastoral de Virgílio é uma forma poética contemplativa, inserida em um universo de tumulto social e de convulsão política. Neste contexto, as “Bucólicas” constituíam uma mediação sobre o deslocamento moral, intelectual e emocional do homem da época.

Segundo Martins (2011), esta contemplação, inserida, no mundo concreto do poeta mantuano, está ligada à própria forma visual pela qual textos são propostos. A contemplação seria a tradução do olhar de Virgílio, em si, com uma “visão” poética alegórica ou metafórica. Portanto, o meio visual da poesia serviria como um instrumento para a transmissão de uma mensagem contemplativa.

Para o mesmo autor supracitado (MARTINS, 2011, p. 44), além dela ser contemplativa, “no sentido de se referir a uma reflexão acerca do mundo, vale-se contemplativamente do meio visual metafórico e/ou alegórico a fim de expressá-la”.

Logo, não nos deve surpreender, que muitas das descrições dos autores antigos (dentre eles Virgílio) sobre suas regiões de origem, eram carregadas de uma certa carga de nostalgia, de um mundo perdido, deixado para trás.

Outro aspecto importante deste período foi a imersão das elites romanas, na cultura grega ou helenística. Isto não era algo novo, pois o contato cultural era recorrente, já nos séculos anteriores, coma presença de colônias gregas, no sul da Itália e na Sicília.

Posteriormente, o contato com regiões do Oriente no qual a língua grega era predominante, ajudou a aprofundar ainda mais essa relação entre o mundo latino e o grego.

O tema pastoral já estava presente, na tradição grega, não sendo algo novo entre os povos recém conquistados. Basta lembrar “Os Trabalhos e os Dias”, obra escrita por Hesíodo, entre os anos 750 e 650 a.C., e já poderemos atestar um caráter pastoril, nas descrições da vida antiga.

No entanto, foi o poeta siciliano Teócrito (300–260 a.C.), no período helenístico, um dos primeiros a confeccionar versos que tratavam do

cuidado do rebanho, à maneira do pastor (*βουκόλος* = “*boukólos*”, é o “pastor de boi” ou “o que tange o boi ou gado”).

3. *A paisagem humana e geográfica em Virgílio*

As realidades rústicas e a paisagem humana, animal e mítica povoaram as descrições da vida antiga, feitas pelos poetas gregos e latinos. Um mundo pelo qual circulavam deuses e semideuses, ninfas e faunos, pastores e seus rebanhos de bois, cabras e ovelhas, sem contar outros animais silvestres, que perambulavam e voavam pelos campos sem fim.

Sendo assim, além dos seres vivos, a paisagem era um *locus* fundamental, no enredo das obras. Campos, florestas, rios e fontes, árvores e estradas possuem uma função de entrelace das ações, nas obras, por meio dos quais os personagens dialogam, discutem e algumas vezes, como veremos, trocam ofensas.

Sem dúvida, o poeta foi influenciado pelos anos de sua primeira infância, transcorridos em um ambiente campestre, impregnado de rusticidade. Sem contar ainda sua história familiar fixada, no mundo rural do qual seu pai era um fazendeiro ou oleiro, segundo a tradição antiga.

Mundo campestre no qual o poeta viria a perder anos, depois, após a batalha de Filipo em 41 a.C., quando foi obrigado a abandonar sua propriedade rural e partir para a cidade.

4. *A terceira “Bucólica”*

Dentre as obras de Virgílio, as “Bucólicas” são descritas como um poema *humilis* (“humilde”, “menor”), ao passo que outras de suas obras, como “Geórgicas” e “Eneida” são consideradas como *mediocris e grandiloquus*.

Como já expomos, Virgílio cresceu em contato com a natureza, logo, nos dez poemas, que compõem suas “Bucólicas”, ele descreve as cidadezinhas da região e a paisagem que viu nascer. Vale destacar que as cenas dos poemas contrastam enormemente com o violento drama político, que ocorria na época de Virgílio, e pode ser bem atestado, sobretudo, na 1ª e na 9ª “Bucólicas”, cuja temática se configura com a desapropriação das terras, por outro lado, podemos considerar a terceira “Bucólica” como dramática, pois nela acontece um diálogo conflituoso entre dois pastores.

Seguindo este caminho, Virgílio consegue diferenciar as “Bucólicas” entre si, pois, se na primeira ele trata do ócio, das lamentações e do exílio; na segunda, a paixão e o amor homossexual são o foco principal; para continuar, na terceira, com o tema do conflito, e este é um dos preceitos mais fortes para quem escreve as “Bucólicas”: a variação temática.

Em suma, os personagens sempre são pastores, mas as ações desenvolvidas, em cada bucólica, variam.

Menalcas e Dametas são os dois personagens principais dessa terceira “Bucólica”. As injúrias têm início, quando ambos se desafiam para um duelo de canto, e o primeiro aposta uma novilha, o segundo oferece como recompensa duas taças esculpidas, artisticamente, por Alcimedonte.

Ambos convidam para ser juiz deste duelo, Palemão, um vizinho pastor. Eles cantam, assim, diante do pastor, suas paixões. No fim, o próprio Palemão se considerou incapaz de dar a vitória a qualquer um dos oponentes, por considerá-los ambos vencedores.

Na terceira *Bucólica*, o cenário não é pintado de forma tão enfática como nas outras. Há a disputa dos dois jovens pastores, que cantam alternadamente versos amebus de acordo com o assunto que é tratado. (Cf. MOITINHA, 2006).

Alguns autores apontam a terceira como a mais fraca da coleção (Cf. COLEMAN, 1975), por a considerarem genérica e fragmentária do conteúdo geral de uma “Bucólica”; no entanto, é nesta que o poeta deixa exposto de maneira mais clara quais os preceitos reguladores da obra como um todo.

Na nossa opinião, a terceira é uma “Bucólica” plena de invectivas, de insultos e de maledicências. Mesmo se esta característica nos permite, em um primeiro momento, aproximá-la do iambo e do epodo; nas “Bucólicas”, as invectivas têm um caráter mais pastoril e ameno, ao contrário do iambo, no qual a invectiva é bem mais áspera.

Um outro aspecto importante nesta bucólica é a questão da oralidade e da textualidade. A textualidade funciona como o veículo de relação possível entre a audiência e o autor. Logo, podemos interpretar a “voz” da poesia, como se essa voz fosse o que há de mais essencial para poesia pastoral.

Enfim, podemos atestar que Virgílio consegue um grande efeito artístico ao explorar as tensões existentes entre as ficções dramáticas do mundo oral pastoral e a realidade textual de onde emergem ficções.

5. *Os insultos*

No início da terceira “Bucólica”, logo nos versos iniciais, fica evidente como será o andamento dos insultos. Já na primeira pergunta de Menalcas o tom é ofensivo. Vejamos a seguir:

MENALCAS

Dic mihi, Damoeta, cuium pecus, na Meliboei?

DAMOETAS

Non, verum Aegoni: nuper mihi tradidit Aegon.

MENALCAS

*Infelix o semper, ovis, pecus! Ipse Neeram
dum fovet, ac, ne me sibi praeferat illa ueretur,
hic alienus ouis custos bis mulget in hora; 5
et succus pecori, et lac subducitur agnis*

MENALCAS

Dize-me, Dametas, de quem (é) o rebanho? Acaso de Melibeu?

DAMETAS

Não, em verdade, (é) de Egão; há pouco tempo, Egão mo entregou.

MENALCAS

Sempre, ó ovelhas, (vós sois) um infeliz rebanho! O próprio (Egão) enquanto acalenta Neera e teme que ela a si me prefira, este estranho guardador ordenha as ovelhas duas vezes por hora; 5 não só, o suco é subtraído ao rebanho, mas também o leite, aos cordeiros.

Iniciada com um vocativo interpelativo, a fala de Menalcas está carregada de uma certa ironia, pois ele sabe que Dametas, mesmo sendo um pastor não é o real dono do rebanho. Acusa-o assim de ser mercenário, isto é, de possuir campos e animais em troca de dinheiro.

Virgílio faz assim um jogo de palavras com o vocábulo *pecus*, se valendo ainda de uma pergunta retórica, que tem por intenção cometer injúrias, atarantar e acusar o outro de algo.

Por sua vez, Menalcas destaca a infelicidade das ovelhas, afirmação que busca deixar claro que a custódia dos animais é feita por um pastor estranho a elas. Para tanto, o poeta se utiliza da hipálage e da ironia de Menalcas para deixar claro que Dametas não é o dono do rebanho.

Menalcas se refere a Dametas como *alienus*, no 5º verso. Segundo o *Dicionário Latino-Português*, Ernesto Faria nos informa que o vocábulo destacado pode significar: “alheio”, “estranho” ou “estrangeiro. Assim, Menalcas quer deixar claro que Dametas não é nascido, naquelas terras, marcando-o como um forasteiro, vindo de longe.

Também, no quinto verso, podemos destacar que Menalcas afirma: *hic alienus ouis custos bis mulget in hora* (“este estranho guardador ordenha as ovelhas duas vezes por hora”). Esta afirmação de Menalcas é uma declaração evidentemente exagerada, cunhada a partir de uma hipóbole, com o claro intuito de expressar a intensidade da atitude incorreta de Dametas. Logo, a frase destaca que este tirava proveito da ausência de Egão, para extrair o leite do rebanho, que estava em sua custódia, para posteriormente, vendê-lo na cidade e assim obter lucro.

O mesmo verso, segundo estes autores, contém um comentário mordaz com uma conotação sexual. O verbo *mulgere* (“ordenhar”), neste contexto, permite que o interpretemos como uma metáfora à masturbação, vale ressaltar que, em vários versos das “Bucólicas”, de Virgílio, podemos atestar alusões e múltiplas interpretações, focadas, na sexualidade, mas bem implícitas, como a que nos referimos, acima!

Dametas, conquanto o queira, não pode possuir Neera, acariciada por Egão, o dono do rebanho. Note-se que esse mordaz comentário de Menalcas corrobora a ironia inicial dos versos, porque, não só Dametas cuida de um rebanho que não é seu, mas ele também deve aceitar que Egão, o dono do rebanho, goze os amores por si cobizados.

A troca de ofensas continua:

DAMOETAS

*Parcius istauiris tamen obicienda memento.
Nouimus et qui te, transuersa tuentibus hircis,
et quo (sed faciles Nymphae risere) sacello ...*

MENALCAS

*Tum, credo, cum me arbustum uidere Miconis 10
atque mala uitis incidere falce novellas.*

DAMOETAS

*Aut hic ad ueteres fagos cum Daphnidis arcum
fregisti et calamos quae tu, peruerse Menalca,
et, cum uidisti puer odonata, dolebas, 15
et, si non aliquan ocuisses, mortuus esses.*

DAMETAS

Lembra-te, todavia, de que essas coisas devem ser censuradas
 aos homens com mais comedimento
 Conhecemos também quem te (...), os bodes olhando de través
 e em que (mas as ninfas riram propícias) pequeno santuário ...

MENALCAS

Creio, então, quando me viram cortar a árvore 10
 e as novinhas videiras de Micão com uma má foice.

DAMETAS

Ou aqui, junto às vetustas faias, quando às flechas
 e ao arco de Dáfnis quebraste, ó perverso Menalcas,
 não só, quando tu viste as coisas que foram dadas a um menino, sofrias
 mas também, se tu não (o) tivesses prejudicado de alguma maneira,
 terias morrido (de inveja). 15

No oitavo verso, existem diversas possibilidades de tradução para o vocábulo *transuersa*. Por exemplo, podemos traduzir este trecho como: “os bodes olhando coisas hostis”; ou, “os bodes olhando coisas transviadas”. Aqui, fica nítida uma crítica mordaz, na boca de Dametas, que estaria assim expondo Menalcas, personagem que gosta de criticar. Sem contar que “olhar atravessado ou de través”, pode ser interpretado como algo ruim, não merecendo um olhar direto.

Já no verso onze, o adjetivo “má” funciona como uma hipálage, pois “má”, na verdade, não é a foice, mas na visão de Menalcas é o próprio Dametas que é mau pastor porque gosta de fazer críticas a outros pastores. De maneira muito arguta, Virgílio nos sugere, nesta passagem, que o adjetivo pode e deve ser interpretado sob estas duas perspectivas.

Destacamos também que se a foice fosse realmente má, ruim, significaria que não estaria cumprindo de modo eficiente a sua função primeira como ferramenta cortante.

Avancemos, mais um pouco, nos próximos versos, selecionados para análise:

MENALCAS

*Quid domini faciant, audent cum talia fures?
 Non ego te uidi Damonis, pessime, caprum
 excipere insidiis, multum latrante Lysisca?
 Et cum clamarem: “Quo nunc se proripit ille?
 Tityre, cogepecus”, tu post carectala tebas. 20*

DAMOETAS

*An mihi cantando uictus non redderet ille,
 quem mea carminibus meruisset fistula caprum?
 Si nescis, meus ille caper fuit; et mihi Damon
 ipse fatebatur sed reddere posse negabat.*

MENALCA

Cantando tu illum? aut unquam tibi fistula 25
iuncta fuit? non tu in triuiis, indocte, solebas
stridenti miserum stipula disperdere carmen?

MENALCAS

O que os senhores podem fazer, quando os ladrões ousam tais (coisas)?
Eu não te vi, ó péssimo, a tomar com insídias
o bode de Damão, muito ladrando Licisca?
E como eu clamasse: “Para onde agora ele se arrasta?
Ó Títilo, reúne o rebanho!” tu te escondias atrás das tábuas.20

DAMETAS

Porventura, vencido pelo cantar, ele não me restituiria o bode,
que a minha flauta merecera com os (meus) carmes?
Se não sabes, aquele bode foi meu, e o próprio Damão (o) confessava,
mas negava poder devolver (-mo).

MENALCAS

Cantando tu a ele? Ou alguma vez tiveste uma flauta 25
unida com cera? Nas encruzilhadas, ó indouto, tu não costumavas
desperdiçar um mísero carne com uma estridente gaita?

No verso 17, o pronome *ego* – raramente utilizado na poesia – tem como função aqui criar um efeito estilístico e assim ressaltar o ato vil de Dametas, chamando-o de ladrão.

O locutor busca ainda reforçar de maneira clara a crítica ao acusado, inserindo um adjetivo de campo semântico negativo, *pessime* e o seu argumento ganha mais peso com presença da latrante cadela.

A crítica mordaz de Menalcas está imbuída de eufemismo e de ironia, comparando Dametas a uma cobra que se arrasta e se esconde sorrateiramente atrás das tábuas. Ao mesmo tempo, ao afirmar que Dametas costumava tocar flauta, em encruzilhadas, Menalcas insinua a homossexualidade de Dametas, uma vez que as encruzilhadas eram, noépoca de Virgílio, um espaço no qual se encontravam prostitutas e homossexuais.

Finalmente, deve notar-se que o adjetivo *miserum*, no verso 27, embora se refira ao substantivo *carmen*, dirige-se, na verdade, a Dametas, pois ele não consegue emitir da sua flauta sons que não sejam estridentes, isto é, desagradáveis. Assim, podemos atestar que o uso do adjetivo supracitado se configura como mais um exemplo de hipálage.

6. *Considerações finais:*

Neste artigo, pudemos inferir que conseguimos apresentar alguns exemplos de insultos pastoris a partir dos quais atestamos também um refinamento linguístico e estilístico acerca do *modus scribendi* do poeta Virgílio. Tal refinamento pode ser observado pelo uso da ironia, pelas interrogações retóricas, pela frequente hipálage, pelas comparações e pelos jogos de palavras.

Enfim, traduzir os versos de Virgílio é a primeira árdua tarefa e depois perceber as alusões, as intenções e as críticas mordazes do poeta pode ser o segundo obstáculo de modo que para tal escopo é necessário focar, não só, no sentido etimológico, mas também o valor semântico dos vocábulos para entender o duplo sentido, na interpretação dos versos virgilianos.

Vale destacar que a altercação de dois pastores, Dametas e Menalcas, se revezando, no seu fazer poético, permite deveras uma vivacidade, na leitura, bem contrastante com as demais “Bucólicas”.

Quanto mais nos aprofundamos, na leitura da obra, percebemos que maiores são as tentativas de Virgílio em prender a atenção do leitor, com uma diversidade de temas que são focados, nas “Bucólicas”.

Enfim, que o nosso trabalho original, linguístico, filológico, literário e estilístico, acerca do tema intitulado, *Os insultos pastoris e o refinamento linguístico, na terceira Bucólica de Virgílio*, seja inspirador para outros pesquisadores que queiram escrever vindouros trabalhos acadêmicos acerca dos assuntos pastoris, do estilo do poeta e das alusões sexuais, políticas ou sociais, nas “Bucólicas”, de Virgílio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAYET, Jean. *Littérature Latine*. Paris: Armand Colin, [s.d.].
- BOYLE, A. J. *A Reading of Virgil's Eclogues*. Ramus, 4.2. p. 187-203, Melbourne: The Hawthorn Press, 1975.
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. V. I. Petrópolis: Vozes, 1986.
- BRISSON, Jean-Paul. *Virgile sontemps et le nôtre*. Paris: François Maspero, 1980.

CARDOSO, Zélia de Almeida. *Literatura Latina*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.

CARTAULT, A. *Étude sur les Bucoliques de Virgile*. Paris: 1897.

COLEMAN, R. Vergil's pastoral modes. In: *Ancient Pastoral – Ramus essays on Greek and Roman Pastoral Poetry*. Melbourne: Aureal, 1975.

FARIA, Ernesto. *Dicionário Latino-Português*. Belo Horizonte: Garnier, 2003.

FARIA, Ruth Junqueira de. *Aspectos Lexicais e Estilísticos do Bucolismo Vergiliano*. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1974.

GRAVES, Robert. *Os Mitos Gregos*. 2. ed. Vol. I. Trad. de Fernando Klabin. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

_____. *Os Mitos Gregos*. 2. ed. Vol. II. Trad. de Fernando Klabin. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

HASEGAWA, A. P. *Os limites do gênero bucólico em Vergílio: um estudo das églogas dramáticas*. São Paulo: Humanitas, 2012. (Coleção Letras Clássicas)

LECLERCQ, R. Les Principes de la Poétique Virgilienne. *Revue des Études Latines*. Paris: Société d'Édition, Les Belles Lettres, 1994.

LESKY, Albin. *Historia de la Literatura Griega*. Versión española de José Maria Diaz Regañon y Beatriz Romero. Madrid: Gredos, 1976.

LOUPIAC, Annie. *Le Labor chez Virgile: Essai d'interprétation*. *Revue des Études Latines*. Paris: Société d'Édition, Les Belles Lettres, 1993.

MAYORAL, Luis Penagos. *Gramática Latina*, 29. ed. Santander: Sal Terrae, 1973.

MAROUZEAU, Jules. *A Ordem das Palavras em Latim*. Tradução de José Mario Botelho. Rio de Janeiro: Autografia, 2017.

_____. *Traité de Stylistique Latine*. Paris: Société D'Édition Les Belles Lettres, 1946.

MARTIN, René; GAILLARD, Jacques. *Les Genres Littéraires à Rome*. Préface de Jacques Perret. Tome II. Paris: Scodel, 1981.

MARTINS, Paulo. *Literatura Latina*. 1. ed. Curitiba: IESDE Brasil. S. A., 2009. Vol. 1, 268 p.

_____. Duas visualidades bucólicas : Verg., Ecl. 2. 45-55 e 6. 13-26. PHAOS: 2011, *PHAOS*, 2011. p. 43-66

MENDES, João Pedro. *Construção e Arte das Bucólicas de Virgílio*. Coimbra: Almedina, 1997.

PARATORE, Ettore. *História da Literatura Latina*. Trad. de Manuel Losa. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1984.

RIBEIRO, Márcio Luiz Moitinha. *Gramática latina*. 2. ed. São Gonçalo: Márcio Moitinha, 2017.

_____; SOARES, Daniel de Assis; PINHEIRO, Paulo Fernando Moreira; MORAES, Tobias Vilhena. *Edição Bilingue: 1ª Bucólica de Virgílio*. Rio de Janeiro: Ados, 2020.

WORMELL, D. E. W. The Originality of the Eclogues sic paruis componere magna soleban. In: *Studies in Latin literature and its influence – Virgil*. New York: Basic, [s.d.].